



# Luiz Inácio Lula da Silva entre dois mundos: uma análise de notícias do *New York Times*

---

Maria Inez Mateus Dota  
Universidade Estadual Paulista - UNESP - Bauru

Este trabalho analisa um conjunto de notícias publicadas pelo *The New York Times*, versão *on-line*, que aborda a presença do presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, no Fórum Social Mundial em Porto Alegre, Brasil, e no Fórum Econômico Mundial em Davos, Suíça, em janeiro de 2003. Baseando-se no referencial teórico-metodológico da Análise Crítica do Discurso – Bell e Garrett (1998), Fairclough (1995 e 2001) e Fowler (1991) –, investigam-se as estratégias discursivas utilizadas pelo jornal para referir-se ao presidente brasileiro participando de dois eventos de repercussão internacional, que representam pólos ideológicos opostos.

This paper analyzes a set of news published on *The New York Times* on-line version which deals with the presence of Brazil's president, Luiz Inácio Lula da Silva, at the World Social Forum in Porto Alegre, Brazil, and at the World Economic Forum in Davos, Switzerland, in January, 2003. Based on Critical Discourse Analysis theoretical and methodological foundations – Bell and Garrett (1998), Fairclough (1995 and 2001) and Fowler (1991) –, the discursive strategies used by the newspaper to refer to the Brazilian president participating of two events of international effect, which represent opposite ideological poles, are investigated.

## Introdução

Consideramos que a construção do sentido na notícia emana de uma inter-relação texto/leitor, em que se entrelaçam linguagem e aspectos sócio-históricos, e entendemos que as instituições que produzem e divulgam notícias são social, econômica e politicamente situadas e, por essa razão, seus textos reproduzem interesses e visões passíveis de serem analisados de maneira crítica e reflexiva. Baseando-nos na análise crítica do discurso, principalmente nos trabalhos de Fairclough (1995, 2001), Bell e Garrett (1998) e Fowler (1991), examinamos notícias veiculadas pelo jornal *The New York Times*, em sua versão *on-line*, que abordam a presença do presidente do



Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, Brasil, e Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça, em janeiro de 2003 (com exemplificações textuais traduzidas para o português). Nossos objetivos são verificar como a linguagem das notícias se ajusta a aspectos ideológicos, moldando-se em direção a crenças e valores preestabelecidos, e apontar que aspectos ideológicos estão subjacentes às notícias analisadas, contribuindo, dessa forma, para a viabilização de uma comunicação efetivamente crítica e democrática. Investigamos as estratégias discursivas utilizadas pelo jornal, enquanto instância de poder, ao referir-se a dois eventos paralelos de repercussão internacional e, em especial, ao tentar mostrar inconsistência na participação do presidente, em dois fóruns que representam pólos ideológicos opostos no cenário mundial.

### **Análise de textos do *New York Times***

As notícias veiculadas pelo jornal *The New York Times* a respeito da participação de Luiz Inácio Lula da Silva nos fóruns supracitados têm por objetivo mostrar a incoerência e a ambigüidade do chefe da nação brasileira, ao marcar sua presença em dois eventos de natureza diversa. O foco de nossa análise recairá sobre três artigos divulgados no mês de realização dos eventos, ou seja, janeiro de 2003: (A) *A Leader With a Foot Now in Both Worlds* (Um líder agora com o pé em ambos os mundos), (B) *Brazilian Leader Vows He Will Plead for the Poor in Davos* (Líder brasileiro jura que intercederá pelos pobres em Davos) e (C) *Antiglobalization Forum to Return to a Changed Brazil* (Fórum antiglobalização retornará a um Brasil mudado).

Iniciemos pelo artigo (A) que nos motivou a empreender a presente análise. Entendemos, como Fowler (1991, p. 42), que “os discursos são conjuntos de afirmações sistematicamente organizadas que dão expressão a significados e valores de uma instituição”. Temos, então, o grande jornal da potência norte-americana – *The New York Times* – o qual parece não interessar mostrar de forma positiva uma nova liderança que surge no continente, mas, sim, identificá-la como alguém que não merece tanto crédito, uma vez que suas posições são incoerentes. Fowler (1991, p. 231) acrescenta:

... qualquer um que reflita sobre a posição econômica da indústria jornalística subordinada ao capitalismo (sua dependência da publicidade direcionada ao consumidor, movida por poderosos interesses comerciais) ou sobre sua intimidade política com o governo (*releases*, o *lobby* da imprensa, acesso a porta-vozes), rapidamente chegará à conclusão de que um grande jornal

não pode sobreviver a não ser que se alinhe com o sistema, reproduzindo idéias estabelecidas ou, pelo menos, entrando “com responsabilidade” no debate em áreas de idéias estabelecidas.

Vejamos as exemplificações do texto (A) que apontam a visão do jornal, a qual, partidária do sistema hegemônico, não permite um posicionamento favorável a Luiz Inácio Lula da Silva:

(1) *Porto Alegre, Brazil, Jan. 23 - Arriving for last year's World Social Forum here, well before he had been elected president, Luiz Inácio Lula da Silva was blunt in his criticism of the world's top policy makers then gathering for the World Economic Forum in New York.*

*“The sheer amount of barbed-wire fencing,” he said, showed that “what those men there were thinking was no good for the majority of humankind, especially for the poor.”*

*This year, Mr. da Silva will stop here only briefly to address the 100,000 or so antiglobalization activists gathered for the third Social Forum before jetting off to Davos to speak to “those men,” now back at their traditional venue in the Swiss Alps, but still behind barbed wire.*

*The fact that Mr. da Silva is willing to rub shoulders with the Che Guevara T-shirts at the Social Forum and the suits in Davos illustrates the fine line he has been walking since taking office on Jan. 1. [grifos da autora] (Porto alegre, Brasil, 23 de Janeiro – Chegando aqui para o Fórum Social Mundial do ano passado, bem antes que ele fosse eleito presidente, Luiz Inácio Lula da Silva foi áspero em sua crítica às maiores lideranças mundiais então reunidas para o Fórum Econômico Mundial em Nova York. “A grande quantidade de cerca de arame farpado”, ele disse, mostrava que “o que aqueles homens lá estavam pensando não era bom para a maioria da humanidade, especialmente para os pobres”. Neste ano, o Sr. da Silva parará aqui apenas brevemente para saudar os aproximadamente 100.000 ativistas antiglobalização reunidos para o terceiro Fórum Social, antes de voar para Davos para falar com “aqueles homens”, agora de volta ao seu tradicional reduto nos Alpes Suíços, mas ainda atrás do arame farpado. O fato de que o Sr. da Silva está querendo roçar ombros com as camisetas de Che Guevara no Fórum Social e com os ternos em Davos ilustra a corda bamba em que ele está andando desde que tomou posse em 1º de janeiro.)*

No trecho acima, o adjetivo *blunt* (áspero) qualifica a crítica que Luiz Inácio Lula da Silva fez ao Fórum Econômico Mundial no início de 2002, quando ainda era candidato a presidente do Brasil e posicionou-se do lado dos menos favorecidos, pois “aquilo que aqueles homens lá [em Nova Iorque] estavam pensando não era bom para a maioria da humanidade, especialmente para os pobres”. Para mostrar sua incoerência com a crítica

de 2002, o jornalista aponta que, em 2003, o presidente passa rapidamente pelo Fórum Social e se dirige a Davos, para falar com “aqueles [mesmos] homens” que desdenhou. A posição ideológica do jornal, no caso, assumida pelo autor do artigo, não permite que o novo presidente ouça as propostas sociais daqueles vestidos com camisetas de Che Guevara, em Porto Alegre, e discuta, ao mesmo tempo, a agenda determinada pelos homens “de terno” nos Alpes Suíços. Nesse sentido, linguagem e ideologia não se desvinculam, pois esta última é “a significação a serviço do poder. Ideologias são proposições que geralmente figuram como suposições em textos, que contribuem para produzir ou reproduzir injustas relações de poder, relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 1995, p. 14).

Nas entrelinhas do artigo, há um tom preconcebido de que Luiz Inácio Lula da Silva deve ficar confinado ao seu reduto e não pode participar das discussões dos poderosos, uma vez que os criticou no passado. Essa posição não é apenas do jornal, pois os órgãos da mídia constituem importantes instituições sociais e, como tal, “são decisivos apresentadores da cultura, da política e da vida social, moldando e refletindo como esses aspectos são formados e expressos” (BELL, 1998, p. 64).

Para corroborar a discriminação acima apontada, o jornalista lembra que o presidente recém-eleito é um “ex-metalúrgico”, que alterna suas ações conforme as exigências de diferentes momentos políticos. Confirmamos no trecho (2):

(2) *On the one hand, Mr. Da Silva, a former metalworker, has appeared on television and on magazine covers as popular “Presidente Lula,” the caring leader who takes his cabinet on trips to some of Brazil’s poorest regions to show he intends to make good on election promises to redress this vast country’s appalling social inequities.*

*Ditching for a while the suits and ties that helped him win over more reticent, conservative voters during last year’s election campaign, Mr. da Silva reverted to his working-class roots, touring shantytowns, embracing an AIDS-afflicted child here, comforting a poverty-stricken widow there.*

*If the popular reaction is anything to go by, Mr. da Silva is managing to persuade Brazil’s poorest that their economic lot can improve. Wherever he goes, Mr. Da Silva draws a crowd and he plays it like a rock star.* [grifos da autora] (Por um lado, o Sr. Da Silva, um ex-metalúrgico, tem aparecido na televisão e em capas de revistas como o popular “presidente Lula”, o líder atencioso que leva sua equipe em viagens para as regiões mais pobres do Brasil, para mostrar que ele pretende cumprir as promessas de campanha de corrigir as terríveis desigualdades sociais desse grande país.

Livrando-se, por algum tempo, dos paletós e gravatas que o ajudaram a conquistar os eleitores conservadores mais reticentes durante a campanha eleitoral do ano passado, o Sr. Da Silva voltou às suas raízes da classe trabalhadora, percorrendo favelas, abraçando uma criança afligida pela AIDS aqui, confortando uma viúva atingida pela pobreza lá. Se a reação popular for levada em conta, o Sr. Da Silva está conseguindo persuadir os mais pobres do Brasil de que sua sorte econômica pode melhorar. Onde quer que ele vá, o Sr. da Silva atrai uma multidão e ele faz isso como uma estrela do rock.) [grifos da autora]

Assim, ora o ainda candidato se apresenta “de terno e gravata, para angariar os votos dos conservadores indecisos”, ora, já no cargo, “retoma suas raízes na classe trabalhadora” e “leva o seu ministério para conhecer as regiões mais pobres do país”. Essa alternância de posições é enfatizada pelo tom irônico que o jornalista adota ao descrever o presidente “fazendo turismo por favelas” e ao compará-lo a “uma estrela do *rock*”, com atitudes populistas como se ainda estivesse em campanha política, isto é, “abraçando crianças atingidas pela AIDS e confortando uma pobre viúva”.

Mesmo quando o jornal aponta um ponto positivo da administração Lula, procura desqualificá-la, levantando as vulnerabilidades do Brasil e também destacando os interesses financeiros que regulam determinadas ações do governo, conforme o trecho (3) abaixo:

*(3) On the other hand, Mr. Da Silva has struck a serious note with the markets, nominating an economic team that is bending over backward to persuade investors that Brazil is a safe bet and that unorthodox policies are simply not on the agenda. Its first major policy decision was to raise interest rates this week to their highest level in nearly four years, assuaging fears the new government would be soft on inflation.*

*The government is also advancing with plans, long awaited by the markets, to reform Brazil's wasteful public sector pension system, inefficient tax laws and archaic labor legislation.*

*Maybe because of such ambiguity, Mr da Silva's announcement he would fly to Davos caused furor among radicals on the left of his Worker's Party. Cândido Grzybowski, a member of the Social Forum's steering committee, called the decision "lamentable."*

*If Mr. Da Silva delivers any antiglobalization message, it will most likely be here rather than in Davos, where he will be trying to persuade the international financiers present to reopen credit lines to Brazilian companies. Hundreds of millions of dollars in financing were cut off before Mr. Da Silva's election triumph last October, when many were predicting Brazil's economy would collapse.* [grifos da autora] (Por outro

lado, o Sr. da Silva marcou um ponto importante com os mercados, indicando uma equipe econômica que está se voltando para o passado, para persuadir os investidores de que o Brasil é uma aposta segura e que políticas não-ortodoxas simplesmente não estão na agenda. Sua primeira grande decisão política foi aumentar as taxas de juros, nesta semana, para os níveis mais altos em aproximadamente quatro anos, diminuindo o medo de que o novo governo não fosse firme com a inflação. O governo está também levando adiante planos, há muito tempo esperados pelos mercados, de reformar o dispendioso sistema da previdência pública do Brasil, a ineficiente legislação tributária e a arcaica legislação trabalhista.

Talvez por causa de tal ambigüidade, o anúncio de que o Sr. da Silva voaria para Davos causou furor entre os radicais da esquerda do Partido dos Trabalhadores. Cândido Grzybowski, um membro do comitê central do Fórum Social, chamou a decisão de “lamentável.”

Se o Sr. Da Silva proferir qualquer mensagem antiglobalização, muito provavelmente será aqui em vez de em Davos, onde ele estará tentando persuadir os financiadores internacionais presentes a reabrir as linhas de crédito para as empresas brasileiras. Centenas de milhões de dólares em financiamento foram cortadas antes da vitória eleitoral do Sr. da Silva em outubro passado, quando muitos estavam prevendo que a economia brasileira entrasse em colapso.)

Dessa forma, observamos que, ao mostrar o “Sr. Da Silva marcando um ponto importante com os mercados”, o jornalista não perde a oportunidade de insinuar a incoerência do presidente, pois este “nomeou um time econômico que está voltando ao passado”, ou seja, trazendo novamente as práticas políticas do governo anterior que Lula tanto criticou. Ao apontar que o novo “governo está também levando adiante planos há muito esperado pelos mercados”, *The New York Times* traz à tona os problemas do Brasil – “um sistema previdenciário dispendioso, legislação tributária ineficiente e uma arcaica legislação trabalhista”. Essas escolhas lexicais objetivam tirar o brilho de uma liderança que pode tomar espaço no continente americano, mas que o posicionamento ideológico do jornal, representando o poder econômico dos Estados Unidos, não lhe permite deixar fluir.

No sentido de imprimir uma personalidade inconsistente a Lula no cenário internacional (dado o amplo alcance do jornal *on-line*), o jornalista qualifica a recente trajetória do presidente como uma “ambigüidade”, a ponto de “o anúncio de que iria para Davos causar furor entre os radicais de esquerda do Partido dos Trabalhadores [PT]”, seu próprio partido. Essa “ambigüidade” se justifica, no encaminhamento dado pelo jornal, pelo fato

de o presidente querer estar com “um pé em ambos os mundos”, conforme o título do artigo determina, e, de antemão, especula sobre o discurso que Lula fará em cada um dos fóruns, pois, a ele, não é permitido conciliar: “se o Sr. Da Silva proferir qualquer mensagem antiglobalização, será muito provavelmente aqui [em Porto Alegre] em vez de em Davos, onde ele estará tentando persuadir os financiadores internacionais presentes a reabrirem as linhas de crédito para as empresas brasileiras”. Assim, o jornal mostra o presidente Lula com um pé em dois mundos opostos, ou seja, de um lado, um mundo que luta contra a globalização e, de outro, um mundo que possui os recursos financeiros de que o Brasil necessita. O advérbio *now* (agora), empregado na manchete/título do artigo (A), insinua que em 2002, quando ainda estava em campanha, Lula estava com “um pé” apenas no Fórum Social Mundial, um pólo de esquerda, oponente à globalização e ao capital; “agora”, entretanto, em função das dificuldades financeiras do Brasil, dispõe-se a dialogar com o Fórum Econômico Mundial. A expressão coloquial *a foot now in both worlds* (agora um pé em ambos os mundos) constitui um estilo comunicativo que aproxima o texto da realidade do leitor e, dessa forma, convida-o a compartilhar a reflexão apresentada pelo jornal. A esse respeito, Fairclough (2001, p. 144) assim se manifesta: “[o]s grupos poderosos são representados como se falassem na linguagem que os próprios leitores poderiam ter usado, o que torna muito mais fácil de adotar os seus sentidos. Pode-se considerar que a mídia de notícias efetiva o trabalho ideológico de transmitir as vozes do poder em uma forma disfarçada e oculta”.

Uma vez que a possibilidade de conciliação entre os dois fóruns existe e o jornal, como veículo de comunicação de destaque em todo mundo, não pode ignorá-la, ao final do artigo, é introduzida, pelo discurso direto, a fala de alguém que acredita ser possível, para o novo presidente, a articulação entre esses dois pólos de pensamento, pois “em toda a sua vida política ele [Lula] foi um bom negociador. Pode ser que ele leve essa também”. O recurso à intertextualidade, ou seja, à inserção de enunciados de outros no texto, traz, nas palavras de Bakhtin, “suas próprias expressões, seu próprio tom avaliativo, o qual nós assimilamos, reatualizamos e reacentuamos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 134).

O uso do discurso direto afasta todo o comprometimento do jornal e deixa a possibilidade aventada na responsabilidade de uma outra voz introduzida no texto – um importante economista latino americano, funcionário de um banco alemão em Nova Iorque. Entretanto, a escolha dessa fala para fechar o texto não destoa do ponto de vista propagado no

artigo; a maneira como foi estruturada a inserção da fala demonstra que não há consistência nas ações de Luiz Inácio Lula da Silva, embora ele seja “um bom negociador” e, de alguma forma, possa “levar essa”. Essas duas últimas escolhas lexicais destacadas adquirem um tom pejorativo no contexto do artigo e corroboram para tirar a credibilidade do presidente que ousa surgir no cenário dos poderosos.

O artigo (B) – *Brazilian Leader Vows He Will Plead for the Poor in Davos* – é assinado pelo mesmo autor e publicado no dia seguinte à veiculação do artigo (A), isto é, quando o presidente Lula já havia proferido o discurso no Fórum Social Mundial em Porto Alegre. A manchete/título incorpora o termo *vows* (jura), insinuando que as posições do presidente são tão incoerentes, que ele precisa jurar aos participantes do Fórum Social sobre sua intenção de defender os pobres em Davos. Observamos, portanto, que as opiniões ideológicas “não são sempre expressas de forma explícita. Isto é, muito freqüentemente elas são implícitas, pressupostas, escondidas, denegadas ou tidas como certas. Por isso é necessário examinar mais sistematicamente a *estrutura semântica* do texto, para averiguar várias formas de implicação, simulação ou contradição” (VAN DIJK, 1988, p. 62).

A abertura do artigo (B) dá continuidade ao tom pejorativo com que o jornalista termina o artigo (A):

(4) *Urging the rich world to make peace not war, President Luiz Inácio Lula da Silva pledged today to champion the cause of all poor countries when he addresses the World Economic Forum in Davos, Switzerland, this weekend.* [grifos da autora] (Incitando o mundo rico a fazer amor e não guerra, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva prometeu, hoje, advogar a causa de todos os países pobres quando ele se dirigir ao Fórum Econômico Mundial em Davos, Suíça, neste fim de semana.)

O emprego da intertextualidade traz para o artigo um *slogan* do movimento *hippie* que floresceu nos anos 60 – “Faça amor, não faça guerra”. Em que pese o enfático ideal do movimento de paz e amor universal e seu papel de resistência ao poder estabelecido, há, nessa referência, uma conotação de desprestígio, em função da maneira negativa com que determinados segmentos da sociedade – possíveis leitores – vêem os hábitos de vida das comunidades *hippies*. A alusão ao *slogan*, jogando com o posicionamento também ideológico de leitores, imprime um caráter populista às atitudes do presidente e deslegitima o seu discurso proferido em Porto Alegre, cujos trechos são introduzidos no artigo (B). Vejamos alguns exemplos:

(5) *“A lot of people in Davos don’t like me, although they don’t even know me,” the Brazilian president said. “But in Davos I will say exactly what I say here.”*

*“We need a new world economic order that distributes wealth more fairly,” he said, “so that impoverished countries have a chance of becoming less impoverished, so that African babies have the same right to eat as a blond, blue-eyed baby born in Scandinavia.”* (“Muitas pessoas em Davos não gostam de mim, embora elas nem mesmo me conheçam,” o presidente brasileiro disse. “Mas em Davos eu direi exatamente aquilo que eu disser aqui”).

“Nós precisamos de uma nova ordem econômica mundial que distribua renda mais justamente”, ele disse, “de forma que os países empobrecidos tenham uma chance de se tornar menos desfavorecidos, de maneira que os bebês africanos tenham o mesmo direito de comer que um bebê loiro, de olhos azuis, nascido na Escandinávia”.)

Nesses trechos, há uma contraposição do discurso do presidente Lula, que se compromete a dizer em Davos exatamente o que disse em Porto Alegre, àquilo que o jornalista apregou no artigo (A), isto é, que o presidente fará discursos diferentes em cada um dos fóruns, conforme suas conveniências. Assim, estar em “dois mundos” passa a significar “ter duas caras” e, obviamente, constrói uma imagem de um político que não é sério. O discurso de populista é reforçado quando o jornal faz referência à sua origem – ex-metalúrgico e ex-sindicalista – e, imediatamente abaixo, ao seu grande sucesso com a multidão em Porto Alegre:

(6) *Mr. Da Silva, a former metalworker and union leader, won a landslide election victory in October, but he has been savaged by the radical wings of his Workers’ Party and the antiglobalization movement for agreeing to attend the World Economic Forum, seen here as antithetical to Porto Alegre’s grass-roots meeting.*

*But his address today touched all the right buttons with the crowd, which gathered at a riverside park.* (O Sr. Da Silva, um ex-metalúrgico e líder sindical, teve uma vitória eleitoral esmagadora em outubro, mas ele tem sido agredido pelas alas radicais de seu Partido dos Trabalhadores e pelo movimento antiglobalização por concordar em participar do Fórum Econômico Mundial, visto como contrário ao encontro popular de Porto Alegre.

Mas seu discurso hoje fez grande sucesso com a multidão, que se reuniu num parque à beira do rio.)

A idéia de que o presidente Lula faz um jogo de cenas, principalmente para a grande massa do povo que está em Porto Alegre, pode ser constatada no trecho a seguir, quando o jornalista afirma que o Sr. Da Silva pode ter

um discurso radical em Davos, mas, “atrás do cenário, terá que ser mais pragmático quando conferenciar com aqueles que movimentam e agitam [o cenário] internacional”:

(7) *However radical his speech at Davos may be, Mr. Da Silva will also have to strike a more pragmatic note behind the scenes when he confers with the international movers and shakers there.* (Não importa quão radical seu discurso possa ser em Davos, o Sr. Da Silva terá que ser mais pragmático atrás do cenário quando conferenciar com aqueles que movimentam e agitam [o cenário] internacional lá.)

Sua ambigüidade é constantemente ressaltada pelo jornal – de um lado, nomeia um ministro da fazenda e um presidente do Banco Central favoráveis ao mercado, de outro, continua criticando firmemente a aterradora distância entre ricos e pobres no Brasil, conforme o trecho (8) abaixo:

(8) *For now, by appointing a market-friendly finance minister and central bank chief, Mr. Da Silva has managed to keep financial markets healthy, while still talking tough about redressing Brazil's appalling gap between haves and have-nots.* (Por enquanto, indicando um ministro da fazenda e presidente do banco central favoráveis ao mercado, o Sr. Da Silva conseguiu manter os mercados financeiros calmos, enquanto ainda enfatiza a correção da terrível diferença no Brasil entre privilegiados e despossuídos.)

A exemplo do artigo (A), o jornalista não deixa de cogitar a possibilidade de um diálogo entre os dois mundos, mas não se compromete com essa hipótese. Para tanto, introduz outras vozes que fazem uma análise um pouco mais positiva que a sua, no tocante ao presidente Lula:

(9) *Speaking in Davos, Ms. Krueger [diretora do Fundo Monetário Internacional] said the new Brazilian government's efforts to maintain fiscal and monetary discipline were a “step forward.”*  
*Mr. Da Silva might be walking a tightrope, but most analysts agreed he had to play both sides to start a dialogue between rich and poor.*  
*“The reality is that he has to have a foot in both worlds”, said John Schmitt, a labor economist from Washington. “A dialogue has to be possible.”* [grifos da autora] (Falando em Davos, a Sra. Krueger disse que os esforços do novo governo brasileiro para manter a disciplina monetária e fiscal eram um “passo a frente.” O Sr. Da Silva poderia estar andando numa corda bamba, mas a maioria dos analistas concordavam que ele tinha que jogar dos dois lados, a fim de iniciar um diálogo entre ricos e pobres. “A realidade é que ele tem que ter os pés em ambos os mundos,” disse John Schmitt, um economista do trabalho de Washington. “Um diálogo tem que ser possível.”)

Assim, “a Sra. Krueger”, “a maioria dos analistas” e “o economista John Schmitt” são trazidos ao texto pelo discurso direto e indireto, para legitimar uma possibilidade que o jornalista não assume.

O artigo (C) – *Antiglobalization Forum to Return to a Changed Brazil* –, publicado antes do início dos eventos (20 de janeiro de 2003), de autoria de um outro jornalista, serve como pano de fundo para a postura que o jornal iria assumir nos artigos (A) e (B). Com o artigo (C), o jornal expõe as incoerências e fraquezas de Lula e do Partido dos Trabalhadores, ao qual ele pertence, e prepara terreno para o perfil que quer imprimir ao Presidente. A partir da manchete/título, é introduzida a idéia de que o cenário político do Brasil mudou (*a changed Brazil*). Nesse sentido, o jornal mostra que o partido do presidente sofreu “uma derrota” na cidade que sediará o Fórum Social Mundial – Porto Alegre –, deixando implícito que esta não é mais o cenário ideal para o evento:

(10) *Brazil's Workers Party, one of the main sponsors of the event, was in power here [Porto Alegre] and considered the state of Rio Grande do Sul an ideal showcase for its brand of “post-Marxist” democracy and social revolution.*

*Last October, the leader of the Workers Party, Luiz Inácio Lula da Silva, was elected president of Brazil, and in that capacity he is scheduled to open the third World Social Forum here on Jan. 23. But in the same election, voters here in this prosperous state of 10.5 million people gave his party a drubbing, electing a governor who says he embraces globalization and will try to attract the multinational corporations that the Workers [sic] Party had shunned.* (O Partido dos Trabalhadores do Brasil, um dos principais patrocinadores do evento, estava no poder aqui e considerou o estado do Rio Grande do Sul uma demonstração ideal de sua marca de democracia pós-Marxista e revolução social. Em outubro passado, o líder do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva, foi eleito presidente do Brasil, e em função disso ele foi escalado para abrir o terceiro Fórum Social Mundial, aqui, em 23 de janeiro. Mas na mesma eleição, os eleitores aqui neste próspero estado de 10,5 milhões de pessoas deu a seu partido uma derrota, elegendo um governador que diz que abraça a globalização e tentará atrair as corporações multinacionais que o Partido dos Trabalhadores tinha afastado.)

Uma instância de poder, tal qual representa *The New York Times*, não pode aceitar que o governo de um estado próspero em uma grande nação afaste as empresas multinacionais, como o fez o Partido dos Trabalhadores

no Estado do Rio Grande do Sul (Brasil). Dessa maneira, a formação discursiva<sup>1</sup> aqui instaurada deve repelir tal ação e desqualificar os responsáveis – governantes de esquerda que sofreram uma “derrota” (*a drubbing*). Por outro lado, o artigo mostra que o governador eleito, Germano Rigotto (Partido da Social Democracia Brasileira do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso) pretende atrair as multinacionais. Para justificar essa postura, o jornalista insere a fala de um membro do governo estadual, deixando implícita a incoerência do Partido dos Trabalhadores ao afastar as empresas e impedir a criação de empregos, ao mesmo tempo em que defende o Programa Fome Zero:

(11) *“Lula talks about Zero Hunger, and we agree with that,” said Luiz Roberto Andrade Ponte, secretary of development and international affairs in the new state government, which took office on Jan. 1. “But we think the best way to combat hunger is creating jobs for people, through productive employment rather than a wage paid by the state.” (“Lula fala sobre o Fome Zero e nós concordamos com isso,” disse Luiz Roberto Andrade Ponte, secretário do desenvolvimento e assuntos internacionais do novo governo estadual que tomou posse em 1º. de janeiro. “Mas nós achamos que a melhor maneira de combater a fome é criar postos de trabalho para as pessoas, por meio do emprego produtivo, em vez de oferecer um salário pago pelo estado”.)*

No sentido de aprofundar sua desaprovação a um presidente que iria surgir no cenário mundial por ocasião dos dois fóruns, *The New York Times* liga-o a José Bové (recebido e exaltado pelo antigo governo do Partido dos Trabalhadores, no Estado do Rio Grande do Sul), fazendeiro francês, oponente à globalização, cuja mais conhecida façanha é vandalizar um MacDonald’s – empresa-ícone do capitalismo globalizado que o jornal tem interesse em defender:

(12) *Mr. Bové had barely arrived here when he and members of the Landless Movement, associated with the most radical wing of the Workers Party, raided a Monsanto company experimental farm where genetically modified soybeans and corn were grown, destroying seeds and documents. Since the state’s interior is dominated by thousand of small farmers, the image of private property being destroyed did not sit well with landholders.*

---

<sup>1</sup> “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2000, p. 43).

*But the affinity the Workers Party showed for Mr. Bové also rankled because he is one of the European Union's most outspoken supporters of restrictions on agricultural imports. Rio Grande do Sul is a major exporter of meat and grain that wants those barriers removed.*

*"It was a paradox that the populace was quick to perceive," said Carlos Sperotto, president of the state agricultural federation. "You had the Workers Party making common cause with the same guy who impedes the entry of our products in the French market, and that had a lot of impact."* [grifos da autora] (O Sr. Bové tinha mal chegado aqui quando ele e membros do Movimento dos Sem Terra, associados à ala mais radical do Partido dos Trabalhadores, invadiram uma fazenda experimental da empresa Monsanto onde soja e milho geneticamente modificados eram cultivados, destruindo sementes e documentos.

Uma vez que o interior do estado é dominado por milhares de pequenos fazendeiros, a imagem da propriedade privada sendo destruída não agradou aos proprietários de terra. Mas a afinidade que o Partido dos Trabalhadores mostrou com o Sr. Bové também agravou a situação, porque ele é um dos mais francos simpatizantes, dentre o sindicalismo europeu, das restrições sobre importações agrícolas. O Rio Grande do Sul é um grande exportador de carne e grãos que quer a remoção dessas barreiras.

"Foi um paradoxo que a população percebeu rapidamente", disse Carlos Sperotto, presidente da federação estadual da agricultura. "Tinha-se o Partido dos Trabalhadores em uma causa comum com o mesmo cara que impede a entrada de nossos produtos no mercado francês, e isso teve um impacto enorme".)

As escolhas lexicais *raided* (invadiu), *destroying* (destruindo), *rankled* (agravou), *supporters of restrictions on agricultural imports* (defensores de restrições nas importações agrícolas) constroem uma imagem que, certamente, conspira contra o despontar de uma liderança na pessoa de Luiz Inácio Lula da Silva. A questão que fica no ar e que objetiva desqualificar o partido do presidente é: como o Partido dos Trabalhadores poderia ter "uma causa comum com um homem que impede a entrada de nossos produtos [brasileiros] no mercado francês?" A incoerência é reiterada pelo uso da palavra *paradox* (paradoxo) que remete a posições antagônicas.

Também para denegrir o partido de que o presidente é oriundo, o jornalista traz à baila um escândalo que prejudicou o desempenho do PT no Rio Grande do Sul:

(13) *The Workers Party has also been weakened by a corruption scandal linking a campaign fund raiser close to Mr. Dutra with an illegal numbers game across Brazil. During an official parliamentary inquiry into that connection, a former party official testified that numbers game kingpins*

*had donated \$500,000 toward the purchase of the party's new headquarters here. But the inquiry's highlight was the playing of a tape on which the fund-raiser, claiming to speak for Mr. Dutra [ex-governador, do PT], could be heard urging the then chief of police to go easy on numbers runners.*

*"This sort of things happens regularly in other parts of Brazil, but it had more impact here because this time the Workers Party was involved," said Celi Pinto, a professor of political science at the Federal University of Rio Grande do Sul here. They had set themselves up as the guardians of morality, with a monopoly on virtue and ethics in politics, so it really hurt them."* [grifos da autora] (O Partido dos Trabalhadores também foi enfraquecido por um escândalo de corrupção ligando um caixa de campanha próximo a Olívio Dutra com um jogo ilegal no Brasil. Durante uma comissão parlamentar de inquérito com relação a esse assunto, um ex-membro do partido testemunhou que chefões do jogo do bicho tinham doado US \$ 500.000,00 para a compra das novas instalações do partido aqui. Mas o ponto alto da investigação foi a revelação de uma fita em que o caixa de campanha, afirmando estar falando em nome de Olívio Dutra, podia ser ouvido insistindo para que o então chefe de polícia facilitasse o trabalho dos envolvidos com jogo do bicho. "Esse tipo de coisas acontece regularmente em outras partes do Brasil, mas teve mais impacto aqui porque, desta vez, o Partido dos Trabalhadores estava envolvido", disse Celi Pinto, uma professora de ciência política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul aqui. "Eles tinham se colocado como os guardiões da moralidade, com o monopólio da virtude e da ética na política, portanto isso realmente prejudicou-os".)

No trecho (13), o jornal mostra a incoerência e a desqualificação do partido do presidente, opondo as expressões *corruption scandal* (escândalo da corrupção em que o partido viu-se envolvido) e *guardians of morality, with a monopoly on virtue and ethics in politics* (guardiões da moralidade, com monopólio da virtude e da ética na política – qualidades que os membros do partido avocavam).

A referida ausência de pluralidade de pensamento na organização do Fórum Social Mundial – movimento ligado ao PT – também é alvo das críticas do *New York Times*, desta vez na voz do atual governador, Germano Rigotto:

(14) *Mr. Rigotto said that despite the change of administration, he hopes that the forum will continue to meet here because it "projects Rio Grande do Sul throughout the whole world" and generates tourist revenue. "I think, though, they could be more pluralistic and open to more currents of thought", he added, "but it's the organizers who decide who to invite and what to discuss, not us." [grifos da autora] (O Sr. Rigotto disse que apesar da mudança de administração, ele espera que o fórum continue a ocorrer*

aqui porque “projeta o Rio Grande do Sul pelo mundo todo” e gera renda com o turismo. “Eu acho, entretanto, que eles poderiam ser mais pluralistas e abertos a outras correntes de pensamento,” ele acrescentou, “mas são os organizadores que decidem quem convidar e o que discutir, não nós.”)

Dessa forma, no fechamento do artigo (C), com a inserção da fala do governador – *they could be more pluralistic and open to more currents of thought* (eles poderiam ser mais pluralistas e abertos a outras correntes de pensamento), o jornal objetiva representar o Fórum Social Mundial como um movimento de pensamento único, que não quer abrir para o diálogo e para outras temáticas e que, acima de tudo, é patrocinado, principalmente, pelo partido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Nessa polarização ideológica, o atual governador é representado como o “politicamente correto” que se preocupa com a projeção de seu estado no mundo (*it [o Fórum Social] projects Rio Grande do Sul throughout the whole world*); fica implícito que o governador é aberto a uma discussão plural e respeita as decisões dos outros. Isso mostra como as ideologias envolvem valores e emergem, na linguagem, sob a forma de crenças ou opiniões avaliativas, na voz do jornalista ou de outros sujeitos introduzidos no texto.

### Considerações finais

Reverendo os três artigos analisados, confirmamos o objetivo do *New York Times*, nesses textos: mostrar ao mundo que o novo presidente do Brasil não apresenta consistência em seus atos e tem posições ambíguas. As estratégias discursivas adotadas apontam escolhas de itens lexicais de conotação negativa e posicionamento duvidoso, tais como “um pé em ambos os mundos”, “ambigüidade”, “corda bamba”, “derrota” e “paradoxo”.

A estratégia – amplamente utilizada – de inserir nos textos falas de determinadas personalidades dá, aos artigos, um estilo informal e aproxima-os da linguagem do leitor; convida-o a percorrer, com o jornalista, os argumentos apresentados para a persuasão em torno de determinada postura ideológica, pois, no dizer de Fowler (1991, p. 231), “um jornal assume que existe sempre apenas um ponto de vista razoável sobre qualquer assunto apresentado.”

A argumentação, outro recurso discursivo, é construída de forma a indicar ações do presidente que contradizem seu discurso no passado, apontando, até mesmo, incoerências do momento presente, como, por exemplo, o discurso em favor dos pobres ao lado da nomeação de pessoas afinadas com o mercado.

Muitos argumentos para desqualificar a pessoa de Luiz Inácio Lula da Silva são construídos através do implícito, do não-dito, ficando para o leitor reconstruir (ou não) o pensamento do jornal - a Lula não é permitido freqüentar o mundo dos ricos. Há uma polarização ideológica entre o “nosso mundo” (o mundo dos poderosos, o qual inclui o jornal *The New York Times*) e o “mundo dos pobres” (em que Lula está inserido e cujos limites não deve transpassar). Nessa busca cuidadosa pelo sentido, “a tarefa educativa dos estudos da mídia é desconstruir a mídia e a linguagem; alertar os estudantes de comunicação para os seus perigos, seus escorregões, seus enganos. Em todas essas formas, a crítica da ideologia mobiliza uma hermenêutica de suspeição contra a mídia e contra a linguagem” (SCANNELL, 1998, p. 257) e oferece um recurso valioso para o desvelamento dos produtos da comunicação.

Finalizando, concluímos que a prática de uma análise crítica do discurso, atenta àquilo que é explicitado e àquilo que está pressuposto e implícito, mostra como a estruturação da linguagem modela as idéias apresentadas, adequando-as a posturas ideológicas preconcebidas.

### Referências Bibliográficas

- BELL, A. The discourse structure of news stories. In: BELL, A.; GARRETT, P. (Ed.). *Approaches to media discourse*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 1998. p. 64-104.
- FAIRCLOUGH, N. *Media discourse*. London: Edward Arnold, 1995. 214 p.
- \_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Trad. de Izabel Magalhães (Coord.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 316 p.
- FOWLER, R. *Language in the news: discourse and ideology in the Press*. London: Routledge, 1991. 254 p.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000. 100 p.
- SCANNELL, P. Media – language – world. In: BELL, A.; GARRETT, P. (Ed.). *Approaches to media discourse*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 1998. p. 251-267.
- VAN DIJK, T. A. *News as discourse*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1988. 200 p.